

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

MUITAS
VOZES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

REITOR	Carlos Luciano Sant'ana Vargas
VICE-REITORA	Gisele Alves de Sá Quimelli
PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO	Osnara Maria Mongruel Gomes
COORDENADORA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM	Silvana Oliveira
EDITOR GERAL	Pascoalina Bailon de Oliveira Saleh
EDITOR DA SEÇÃO DOSSIÊ	Djane Antonucci Correa
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO	Andressa Marcondes
CRIAÇÃO DE CAPA	Dyego Chrystenson Marçal

CONSELHO EDITORIAL

Benito Martinez Rodriguez - UFPR
Claudia Mendes Campos - UFPR
Desirée Motta-Roth - UFSM
Dina Maria Machado Andréa Martins Ferreira - UECE
Julio Pimentel Pinto - USP
Kanavillil Rajagopalan - UNICAMP
Maria Ceres Pereira - UFGD
Naira de Almeida Nascimento - UTFPR
Orlando Grosseguesse - Universidade do Minho
Regina Dalcastané - UNB
Rosana Gonçalves - Unicentro
Rosane Rocha Pessoa - UFG
Waldir do Nascimento Flores - UFRGS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

MUITAS VOZES

REVISTA DO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS DA
LINGUAGEM
UEPG

DOSSIÊ ENTRE
HEGEMONIAS E
SABERES SUBALTERNOS
NA UNIVERSIDADE
DO SÉCULO XXI



Editora
UEPG

Muitas Vozes / Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem,
Universidade Estadual de Ponta Grossa. Editora UEPG.
Vol. 1, n.1 (jan–jun. 2012). Ponta Grossa, 2012-
Semestral.

Vol. 7, n.1 (jan–jun. 2018)

ISSN 2238-717X (Versão impressa)
ISSN 2238-7196 (Versão online)

1- Linguagem. 2- Identidade. 3- Subjetividade.

Os textos publicados na revista são de inteira responsabilidade de seus autores.

INFORMAÇÕES / DISTRIBUIÇÃO / PERMUTAS

Muitas Vozes

Universidade Estadual de Ponta Grossa
Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade
Praça Santos Andrade n.1
Sala 115 – Bloco B
84.030-900 Ponta Grossa - PR

Endereço eletrônico: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/muitasvozes>

E-mail: revistamuitasvozes@gmail.com

Permutas - E-mail: intercambio@uepg.br

VENDAS

Editora e Livrarias UEPG

Fone/fax: (42) 3220-3306

Email: editora@uepg.br

<http://www.uepg.br/editora>

Pede-se permuta

Exchanged Requested

2018

SUMÁRIO

SUMMARY

Apresentação	7
Dossiê Entre hegemonias e saberes subalternos na Universidade do Século XXI	
As sendas da formação acadêmica: um teimoso diálogo entre vida, causa social e universidade <i>The paths of academic formation: a stubborn dialogue between life, social cause and university</i> João Batista Costa Gonçalves; Marcos Roberto dos Santos Amaral	18
“O que de fato é ser um professor de inglês?” Descobrimo a docência no contexto PIBID <i>“What is actually being an english teacher?” Discovering teaching in the PIBID context</i> Rozana Aparecida Lopes Messias; Anna-Katharina Elstermann	35
Letramentos de reexistência no movimento ensaio rock: um estudo em pragmática cultural no programa viva a palavra <i>Literacies of reexistence in the movement ensaio rock: a study in cultural pragmatics in the viva a palavra program</i> Vanusa Benício Lopes; Antonio Oziêlton de Brito Sousa; Claudiana Nogueira de Alencar; Sandra Maria Gadelha de Carvalho	49
O CEAI como espaço de conciliação entre universidade e sociedade <i>CEAI as a conciliation space between university and society</i> <i>CEAI vỹ tỹ jagnẽ mré vênhmãn kar jagnẽ mré ki króm jãfã nĩ universidade kar kỹ tãmĩ ke ã ag kĩ gé</i> Joel Anastacio; Letícia Fraga	65
A palavra da tradição oral à tradição escrita: a literatura indígena na Universidade do século XXI <i>The word between oral tradition to wrieten tradition: Indian literature in the XXIst University</i> Julie Dorrico; Leno Francisco Danner	75
Índio já sofre por ser índio: língua e identidade em redações de indígenas <i>Indian already suffers from being indian: language and identity in indigenous composings</i> Angela Derlise Stübe; Gabriele de Aguiar	99
Ensino de línguas estrangeiras no currículo da Educação Básica: percurso e percalços <i>Teaching foreign languages in the Basic Education curriculum: course and mishaps</i> Lucimar Araujo Braga; Ligia Paula Couto	125
Cartografias literárias: a antologia e o ensino <i>Literary cartographies: the anthology and teaching</i> Analice de Oliveira Martins	146
Metapragmáticas de um teste linguístico e ideologias linguísticas em contextos migratórios <i>Metapragmatics of a language test and language ideologies in migration contexts</i> Letícia Leme da Cruz; Joana Plaza Pinto	158

Constituição do posicionamento sujeito-leitor feminino em um livro de receitas da coleção <i>União</i> <i>Constitution of female subject-reader position in a cookbook of união collection</i>	
Ludmila Belotti Andreu Funo; Maisa de Alcântara Zakir	176

Produtivismo: pesquisa na universidade <i>Productivism: research at the university</i>	
Dina Maria Martins Ferreira	210

Artigos

Temer e os memes: a norma culta na oralidade do Presidente e as repercussões em comentários na internet <i>Temer and the memes: the standard cults in the orality of the President and the repercussions in comments on the internet</i>	
Mariano Jeferson Teixeira; Valeska Gracioso Carlos	223

Práticas colaborativas de escrita via internet em formação continuada de professores: o papel do leitor-autor <i>Collaborative writing practices via internet in continued teacher training: the role of the reader-author</i>	
Adriana Silvia Vieira; Sandro Luis Silva	237

Dois exemplos de leituras escolares: a configuração de diferentes letramentos <i>Two examples of school readings: different setup literacies</i>	
Ludovico Omar Bernardi	252

Literatura como tática: construções e desconstruções <i>Literature as a tactic: constructions and deconstructions</i>	
Vera Lúcia da Silva; Álamo Pimentel Gonçalves da Silva	266

Destruição e morte: fragmentos de um mosaico composicional em <i>The Sandman</i> , de Neil Gaiman <i>Destruction and death: fragments of a compositional puzzle in The Sandman, by neil gaiman</i>	
Willian André; Cleverson de Lima	281

<i>João Vêncio</i> : performances de um eu amoroso que se transfigura em outros eus <i>João Vêncio: performances by a loving self who is transformed into other selves</i>	
Vinícius Lourenço Linhares	296

Resenha

PEREIRA, Ana Teresa. Karen. 2a. ed. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2017, 136 p. Karen	
Bruno Mazolini de Barros	311

Normas para colaboradores	316
--	-----

Apresentação

Neste número da *Muitas Vozes*, a seção **Dossiê**, intitulada **Entre hegemonias e saberes subalternos na universidade do século XXI**,¹ reúne onze artigos que expõem, problematizam e analisam temas ligados às práticas acadêmicas, escolares, socioculturais e linguísticas com vistas a propor, direta ou indiretamente, reflexões acerca do papel social do intelectual crítico e da universidade pública. As autoras e os autores que contribuem para a discussão que ora se apresenta trazem, entre outros, abordagens que instigam o pensar sobre as emergentes necessidades de revisão de paradigmas hegemônicos de pesquisa, de ensino e de extensão.

Levando-se em conta que vivemos atualmente uma intensa crise identitária que não se restringe à sociedade brasileira e desenha um momento sócio-histórico de grande conflito e polarização no qual, de um lado, ocorre o pensar e agir sob a égide do conservadorismo e na outra ponta ecoa a luta para manter em pauta discussões e ações que reconheçam a diversidade, a diferença e as desigualdades, todas as pessoas se vêem impelidas a olhar para este panorama inseguro e preocupante e discuti-lo torna-se imprescindível.

Ademais, em tempos de amplo acesso a redes sociais e a diversos modos de interação, é preciso muito discernimento para lidar com o vasto e intenso volume de informações que nos chega, uma vez que os conteúdos veiculados nem sempre procedem e mesmo quando têm procedência, podem ser entendidos de diferentes formas.

Temos assim um panorama complexo e é difícil situar-se nesse espesso campo de visão, olhar com perspicácia para entender como os diferentes modos de pensar e agir de diferentes atores sociais constroem um contexto de alinhavo melindroso e de difícil compreensão. Nesse sentido, retomo Correa (2019, no prelo²) para trazer o conceito bastante adequado de “desentendimento” conforme (RANCIÈRE, 1996). Trata-se de um tipo determinado de situação da palavra: aquela em que um dos interlocutores, ao mesmo tempo, entende e não entende o que diz o outro.

O desentendimento não é o conflito entre aquele que diz branco e aquele que diz preto. É o conflito entre aquele que diz branco mas não entende a mesma coisa, ou não entende de modo nenhum que o outro diz a mesma coisa com o nome de brancura. (RANCIÈRE, 1996, p. 11).

O filósofo francês observa que não se trata de desconhecimento, uma vez que este pressupõe que um dos interlocutores ou os dois – pelo efeito de uma simples ignorância, de uma dissimulação concertada ou de uma ilusão constitutiva – não sabem o que um diz ou o que diz o outro. Não é tampouco mal-entendido produzido pela imprecisão das palavras. Ambos os argumentos requerem, segundo Rancière (1996), duas medicinas de linguagem que consistem em ensinar o que quer dizer falar e “os casos de desentendimento são aqueles em que a disputa sobre o que quer dizer falar constitui a própria

¹A edição do dossiê é parte do plano de trabalho proposto e desenvolvido entre agosto de 2017 e julho de 2018 junto ao Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (PosLa-UECE) por meio do Programa Nacional de Pós-doutorado (PNPD/CAPES). Título do projeto: “O sujeito acadêmico na universidade do século XXI: entre hegemonias, saberes subalternos e possibilidades epistemológicas”.

² CORREA, D. A. Vulnerabilidade social, desafios epistêmicos e conhecimentos rivais: por diálogos mais horizontais. In **Trabalhos em Linguística Aplicada**, 2019, no prelo.

racionalidade da situação da palavra”. Os interlocutores então entendem e não entendem a mesma coisa nas mesmas palavras” (RANCIÈRE, 1996, p.12).

O desentendimento não diz respeito apenas às palavras. Incide geralmente sobre a própria situação dos que falam. (...) Não diz respeito à questão da heterogeneidade dos regimes de frases e da presença ou ausência de uma regra para julgar gêneros discursivos heterogêneos. Diz respeito menos à argumentação que ao argumentável, à presença ou ausência de um objeto comum entre um X e um Y. Diz respeito à apresentação sensível desse comum, à própria qualidade dos interlocutores ao apresentá-lo. A situação extrema do desentendimento é aquela em que X não vê o objeto comum que Y lhe apresenta porque não entende que os sons emitidos por Y compõem palavras e agenciamentos de palavras semelhantes aos seus (...) essa situação extrema diz respeito, essencialmente, à política. (...) o desentendimento se refere ao que é ser um ser que se serve da palavra para discutir. As estruturas de desentendimento são aquelas em que a discussão de um argumento remete ao litígio acerca do objeto da discussão e sobre a condição daqueles que o constituem como objeto. (RANCIÈRE, 1996, p. 13).

É com base nessa ideia de litígio acerca do objeto de discussão, ou seja, do desentendimento visto como um momento produtivo de confronto entre pontos de vista que este dossiê foi proposto. E com esse fio condutor entre os trabalhos, os artigos trazem diferentes aportes teóricos e metodológicos, sendo que alguns trazem estudos integrados de pesquisa, ensino e extensão.

O artigo *As sendas da formação acadêmica: um teimoso diálogo entre vida, causa social e universidade*, escrito por João Batista Costa Gonçalves (UECE) e Marcos Roberto dos Santos Amaral (UECE), nos traz uma importante discussão sobre como as relações dialógicas e éticas, no espaço acadêmico, podem promover práticas transformadoras em favor do empoderamento de grupos marginalizados e sugere uma atividade escolar, destacando a importância desta para uma prática pedagógica transformadora, mostrando que a atividade acadêmica nunca é desinteressada, porque participa de questões sociais e históricas.

Ao longo das discussões empreendidas, os autores destacam que, mais do que uma síntese de escolhas teóricas e metodológicas de dada teoria, o caminho acadêmico se faz de constantes problematizações sobre quais são nossos interesses de sociedade e quais são os meios acadêmicos que o podem oportunizar, além de saber que essas questões são pesadas a partir de nossas experiências de vida concretas tanto dentro como fora dos muros da universidade.

Ressaltam ainda que é na apresentação dos percursos que tecem a nossa vida acadêmica que buscamos evidenciar seu caráter político, sua pulsação por decisões comprometidas com uma causa social. Compreendendo

a atividade acadêmica como uma atividade essencialmente social e, por isso mesmo, nunca desinteressada, ela deve, portanto, preocupar-se com os problemas éticos da pesquisa e a busca de solução de questões sociais, além de com a crítica da constituição e do *status* do próprio discurso acadêmico, como representação não neutra, nem ingênua, mas, sobretudo, comprometida com grupos sociais específicos, bem como preocupar-se de que forma essas questões chegam à sala de aula.

Rozana Aparecida Lopes Messias (UNESP/Assis) e Anna-Katharina Elstermann (UNESP/Assis) fazem uma importante conexão entre conteúdos teóricos e de ensino no artigo *O que de fato é ser um professor de inglês? Descobrendo a docência no contexto do PIBID*. O artigo retrata um estudo desenvolvido no âmbito da coordenação de um subprojeto PIBID/Letras-Inglês, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), instituído junto à CAPES.

Segundo as autoras, o programa oportuniza que estudantes universitários de cursos de licenciatura vivenciem a realidade escolar, acompanhados por um professor da Educação Básica e orientados por um supervisor na universidade e, no âmbito dessa ação, o estudo analisa relatórios reflexivos e relatos dos participantes, gravados em reuniões de supervisão e posteriormente transcritos e retrata como os licenciandos participantes do projeto constroem suas visões sobre o papel dos professores de inglês nas escolas públicas brasileiras e de que maneira delineiam sua identidade docente.

Os resultados mostram que o cenário criado pela inserção dos graduandos na escola, além de aproximá-los da realidade da profissão, desmantela a hierarquia criada entre conteúdos de ensino e conteúdos teóricos e as autoras concluem que não há mais lugar nos cursos de licenciatura para uma visão elitista e dicotômica do conhecimento, uma vez que saber e fazer são igualmente importantes no trabalho de um profissional professor.

Letramentos de reexistência no movimento ensaio rock: um estudo em pragmática cultural no programa viva a palavra é de autoria de Vanusa Benicio Lopes (UECE), Antonio Oziêlton de Brito Sousa (UECE), Claudiana Nogueira de Alencar (UECE) e Sandra Maria Gadelha de Carvalho (UECE) e mostra uma parte do trabalho realizado no Programa de extensão “Viva a Palavra”, coordenado pela Profa. Dra. Claudiana Nogueira de Alencar. Assim, o artigo traz os estudos dos letramentos de reexistência produzidos pelo grupo Ensaio Rock, movimento político e cultural da Serrinha, uma comunidade da periferia de Fortaleza. Tais estudos visam entender como o domínio do uso social da linguagem se relaciona com as lutas sociais na Serrinha e de que maneira a linguagem contribui para a transformação das relações sociais de opressão.

Os resultados gerados indicam que a juventude ligada ao Movimento Político e Cultural Ensaio Rock tem se utilizado de eventos de letramento como forma de manifestação política e de resistência às várias formas de

opressão, mostrando o caráter emancipatório da linguagem. As autoras e os autores destacam também a diversidade de letramentos, como práticas sociais que estão além do ler e escrever, que permeiam a vida dos moradores da periferia, mas não foram sistematizados e disseminados de maneira homogênea, como as apresentações culturais, os saraus e os encontros para discutir os problemas do bairro. Da mesma forma, propõem evidenciar as práticas linguísticas dos moradores da periferia presentes nos letramentos e trabalhar com elas no sentido de interromper o ciclo de opressão no atual sistema de sociabilidade, mostrando o caráter emancipatório da linguagem.

Na mesma direção do artigo anterior, *O CEAI como espaço de conciliação entre Universidade e sociedade* apresenta um caso concreto de comprometimento com um grupo social específico, descrevendo como e por que ocorreu a criação e funcionamento do Coletivo de Estudos e Ações Indígenas (CEAI). Assim, Joel Anastacio (UEPG) e Leticia Fraga (UEPG) apresentam uma discussão sobre os desafios de se pôr em prática uma proposta que defenda uma revisão sobre os espaços e as estruturas acadêmicas; de discutir o papel social das universidades públicas; e a importância de se valorizar os saberes ditos subalternos.

Além de ser um trabalho que mostra a riqueza e as dificuldades de se desenvolver projetos integrados de extensão e de pesquisa, em equipe interdisciplinar, duas questões fundamentais são destaque no texto. A primeira é o exercício de escrever, que, para o grupo, tem se mostrado uma oportunidade de reafirmar os compromissos, ajustar os propósitos e principalmente fortalecer os laços, questões bastante importantes considerando que o coletivo nasceu da diferença.

A segunda, diretamente relacionada à primeira, é bastante complexa, segundo a autora e o autor, e diz respeito à condução do texto em relação à autoria em todos os materiais que escrevem, desde a definição da pessoa verbal a ser utilizada. Nem a primeira pessoa do plural ou o “se” indicando sujeito indeterminado “resolvem” totalmente as questões com as quais precisam lidar. O uso do “nós” acaba sendo restrito, porque não é em todos os momentos em que a fala das/dos participantes é comum. De acordo com a autora e o autor, trata-se muito mais de falas que se complementam do que vozes uníssonas. Por outro lado, o uso do sujeito indeterminado dificilmente tem lugar, porque nas discussões é fundamental apontar quem está falando. Temos assim, um texto que mostra os desafios e de se discutir, elaborar, realizar e registrar ações integradas de extensão e pesquisa com uma comunidade específica, no caso, indígena. Da mesma forma, o artigo mostra a necessidade de se investir mais esforços nessa direção.

Mantendo o eixo da discussão na inclusão sociocultural, acadêmica e escolar indígena, *A palavra da tradição oral à tradição escrita: a literatura indígena na Universidade do século XXI* é um artigo que exemplifica como a academia pode protagonizar eventos de exclusão ao propor “dar voz” a

uma comunidade específica em razão da predominância da cultura oral em uma sociedade predominantemente grafocêntrica. Da mesma forma, evidencia a necessidade de reconhecer e incluir literaturas não-hegemônicas nos currículos escolares e acadêmicos, como forma de dar visibilidade ao pluralismo.

Ao nos mostrar a importância de se reconhecer o caráter predominantemente oral do modo de expressão da cultura dos povos indígenas, Julie Dorrigo (PUCRS) e Leno Francisco Danner (UNIR) destacam que, durante muito tempo, essa palavra oral chegou à academia pela letra e voz de estudiosos de áreas como a antropologia, sociologia e linguística, os quais estabeleciam uma mediação em relação à voz dos próprios indígenas, falando em nome destes e sobre estes. Os autores dizem ainda que, hoje, os indígenas escrevem e publicam suas palavras sob o signo da Literatura, apresentando temas que vão desde rotinas cotidianas na aldeia à cosmovisão étnica e à crítica do presente, de sua situação e de sua condição na sociedade.

E, assim, o artigo apresenta um debate sobre a necessidade de se adotar os livros dos escritores indígenas para estudo na sala de aula no curso de Letras e, por meio deles, refletir sua cultura, expressão, mensagem, resistência, enfatizando também como um diálogo com esta literatura pode colaborar para o reconhecimento da formação plural, não-unidimensional da sociedade brasileira, defendendo o argumento de que a ausência da literatura indígena, nos currículos do ensino de Letras legitima e sustenta a exclusão social do indígena na História oficial do país, sujeitando-o ao exílio epistemológico e anulando a possibilidade de reconhecer sua presença enquanto sujeito/protagonista e cidadão com direitos políticos e culturais.

“Índio já sofre por ser índio”: *língua e identidade em redações de indígenas* mantém o tema dos dois artigos anteriores e discorre sobre o ser-indígena no ensino superior por meio da escrita de si e a incessante busca de provar que é índio em uma sociedade preconceituosa em relação ao diferente. Escrito por Angela Derlise Stübe (UFFS) e Gabriele de Aguiar (UFFS), o artigo traz análises de algumas sequências discursivas de redações elaboradas por sujeitos indígenas participantes do Programa de Acesso e Permanência dos Povos Indígenas (PIN) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

As autoras ressaltam, no estudo, a inquietação ao observar nessas redações como os sentidos sobre língua e identidade são afetados ao necessitarem adequar-se ao lugar do outro, do não-indígena, mostrando que isso pode produzir o apagamento dessas línguas indígenas, constituintes de grupos minoritários, sem discussão da inserção institucional e das consequências para a formação dos alunos e dos professores.

Assim, elas apontam, entre outras questões, uma ruptura em relação à língua materna do indígena, uma vez que ao habitar o lugar considerado

do não-indígena, ele é afetado pela língua-cultura do outro e sofre um silenciamento de sua língua e identidade a fim de ser aceito e isso interfere nos traços identificatórios do indígena. Com isso, permanece em um conflito entre-línguas-culturas, tendo que calar sua língua materna para, então, conseguir transitar nesse espaço considerado do não-indígena. Evidenciam ainda outro conflito do entre-línguas quando o próprio processo seletivo exige que a redação seja escrita em língua portuguesa, ao mesmo tempo em que exige que o candidato declare ser realmente indígena.

Ensino de línguas estrangeiras no currículo da Educação Básica: percurso e percalços discute formação de professores em estudos que foram realizados por meio de projetos integrados de pesquisa e extensão na Universidade Estadual de Ponta Grossa e apresenta uma investigação sobre a situação das línguas estrangeiras nos currículos educacionais brasileiros, desde a educação jesuíta, até a aprovação da LEI 11.161/2005 e de sua revogação, em 2017, com a LEI 13.415/2017, as quais abrangem, respectivamente, a inserção/exclusão da língua espanhola nos currículos do ensino médio no Brasil.

De autoria de Lucimar Araujo Braga (UEPG) e Ligia Paula Couto (UEPG), o artigo apresenta uma síntese do percurso e alguns percalços vivenciados por professores de língua espanhola, traçando um paralelo entre esta língua e as outras línguas estrangeiras que, de alguma forma, fizeram ou fazem parte do currículo brasileiro. Além disso, discorrem sobre as leis de inserção e exclusão das línguas estrangeiras no currículo e as possíveis consequências desses movimentos políticos na sociedade e de política linguística na educação, que refletiram tanto nas escolas como na coletividade como um todo.

Ao concluir o artigo, consideram, entre várias questões, que o currículo, enquanto documento, além de ser influenciado pela política, pela economia e pelos poderes prenunciam movimentos desenvolvidos na sociedade como um todo que interferem diretamente na escola. Assim, os professores e as professoras de línguas estrangeiras não podemos entender o percurso das línguas estrangeiras pelo currículo como algo trágico e nos reconfortarmos nos percalços do trajeto das línguas estrangeiras como algo dado, que nos leva ao conformismo. Se há uma política linguística em curso, a nossa responsabilidade é de cada vez mais pesquisarmos e levarmos essas discussões para as salas de aulas, para os projetos e para as nossas pesquisas, com o intuito de ampliarmos os debates e as perspectivas sobre os porquês do tratamento político para a inserção/exclusão das línguas estrangeiras no currículo, pois entendemos que praticar uma política linguística a partir do plurilinguismo pode ser uma forma de abarcar maior diversidade cultural e linguística por meio do currículo educacional praticado em sala de aula.

O artigo *Cartografias literárias: a antologia e o ensino* nos mostra alguns impactos dos Estudos Culturais sobre os Estudos Literários e suas

repercussões e desdobramentos no Ensino de Literatura, em particular, da literatura brasileira. A autora, Analice de Oliveira Martins (IFF), destaca que a politização do discurso literário é consequência do fértil diálogo entre a Antropologia, a Sociologia e a Literatura. E assim ela discute, do ponto de vista teórico, o *boom* de antologias centradas em uma das variantes do processo mais complexo da identidade cultural pós-moderna e suas implicações para o Ensino, buscando avaliar vantagens e desvantagens ocasionadas por tal tendência do mercado editorial brasileiro.

Nas palavras da autora, mais do que fazer um levantamento de títulos e números, de caráter empírico-quantitativo, o artigo busca pensar as vantagens e desvantagens da adoção de antologias literárias na formação escolar brasileira do final do século XX e do início do século XXI em consonância com a emergência de políticas afirmativas ligadas aos Estudos Culturais e suas possíveis intervenções sociais, ou seja, quando a leitura literária é entendida como um processo de formação cidadã, além de suas dimensões cognitiva e estética.

O estudo discute também questões direcionadas à eclosão do que se poderia chamar de “literatura de escaninhos” e traz alguns possíveis diagnósticos a partir do material analisado e do lugar que a leitura literária ocupa hoje no âmbito escolar. Nesse sentido, é muitíssimo importante observar a visão de Analice mediante a possibilidade de rejeição da literatura diante de leitores que sequer depreendem a referencialidade dos signos linguísticos e de professores tão pouco leitores ou estagnados na leitura do cânone e sem interesse nas relações dialógicas estabelecidas pela literatura contemporânea. Professores reféns, às vezes, de um beletismo inútil, dissociado de qualquer perspectiva histórico-cultural capaz de fazer significar o que é lido. Nesse cenário, a autora ressalta que o único temor a ser evitado, em cursos propedêuticos, é o vale-tudo que relega a literatura a uma condição ainda mais marginal e periférica do que a que tem ocupado diante de outras artes e linguagens.

Em *Metapragmáticas de um teste linguístico e ideologias linguísticas em contextos migratórios*, Letícia Leme da Cruz (UFG) e Joana Plaza Pinto (UFG) apresentam um estudo sobre o teste linguístico Celpe-Bras. A pesquisa é realizada em campos etnográficos on-line e off-line e identifica, descreve e relaciona recursos metapragmáticos e ideologias. Em uma metodologia etnográfica de levantamento de páginas do PEC-G e CELPE-BRAS ativas no aplicativo Facebook, a seleção de postagens, e entrevistas feitas com alunas do PEC-G de uma universidade federal, as autoras utilizam na pesquisa os conceitos de metapragmática, ideologias linguísticas, hierarquia linguística, padronização e mercado linguístico para desenvolver o trabalho.

Ao analisar os dados coletados e retomar alguns de pesquisas anteriores, os resultados indicam que, além de movimentar um mercado linguístico com a venda de cursos preparatórios, o teste possibilita a propagação de

uma ideologia linguística que apresenta a língua portuguesa apenas em sua forma padrão e compromete a experiência legítima de migrantes. Ao chegar ao Brasil, as estudantes encontram uma realidade linguística para a qual não foram preparadas pelo estudo da língua portuguesa para o teste. Existem ainda indícios que imprimem um caráter institucional ao teste, demonstrando que a finalidade predominante do teste é o ingresso em uma universidade brasileira.

E finalizam o artigo com uma reflexão sobre qual o peso desse processo para os(as) estudantes migrantes, como a língua pode tornar-se uma frustração a partir dessa mescla de experiências linguísticas contraditórias.

No artigo *Constituição do posicionamento sujeito-leitor feminino em um livro de receitas da coleção “União”*, Ludmila Belotti Andreu Funo (UNESP/Assis) e Maisa de Alcântara Zakir (UNESP/Assis) analisam um livro de receitas para abordar uma posição de sujeito-leitor feminino e, concomitantemente, uma posição ou espectro-enunciativo, que dialoga e interpela esse sujeito-leitor discursivamente construído.

A análise, embora nos traga uma reflexão acerca do papel da mulher na sociedade algumas décadas atrás, é muito atual e necessária. Conforme palavras das autoras, evidencia que a posição sujeito-leitor deflagrada dialoga com a posição social e as práticas sócio-históricas almejadas para as mulheres (não apenas) daquele período. Essa correspondência se estabelece por meio de mecanismos interpelativos que opõem, ideologicamente, a posição sujeito-leitor a outras posições-sujeito possíveis. Essa dinâmica de oposições define a quem as receitas são destinadas e, também, molda discursivamente os espaços, a identidade de gênero esperada e as práticas sociais permitidas para as mulheres de até então.

As autoras ressaltam ainda que, como se trata de um material de notória circulação e de uma memória até hoje presente para muitas pessoas, de diferentes idades e gerações a análise deste conteúdo implicou uma tomada de posição como analistas com a devida distância temporal e ideológica do contexto em questão. Implicou, ainda, um posicionamento como sujeitos que enunciam essa análise na atualidade, em um momento em que o papel da mulher se constitui de outro modo, com a ocupação de cargos das mais diversas naturezas, tendo chegado, inclusive, à presidência da república, assumindo-se como trabalhadora, chefe de família, pesquisadora, eleitora, enfim, tendo poder de decisão em todas as áreas em que atua. Essa nova constituição, no entanto, não implica um apagamento da realidade de outras mulheres, como a construída pelos textos que compõem o livro de receitas que analisamos. Tampouco implica o desconhecimento de que as práticas e papéis sociais esperados para as mulheres daquela época ainda se mantêm em grande medida, por mais que tenha havido muitas mudanças.

No artigo *Produtivismo: pesquisa na Universidade*, Dina Maria Martins Ferreira (UECE) conclui o dossiê tematizando a predominância de critérios

quantitativos em detrimento de critérios qualitativos para avaliar a produção acadêmica exigida de pesquisadoras e pesquisadores. Utilizando a análise de fragmentos de Rajagopalan e Einstein, a autora ratifica a preocupação de alguns cientistas sobre o valor da produção científica, em que se ignora não só o leigo, como também a intervenção da ciência no social.

Segundo destaque da autora, mede-se a produtividade de um pesquisador pelo número de trabalhos apresentados ou publicados em eventos e revistas de grande relevância no âmbito científico, sem que se considere o impacto do trabalho na área de atuação do seu autor. A busca pelo cumprimento de metas numéricas em um dado período de tempo - chamada por alguns de produtivismo -, torna-se então mais importante que a relevância ou a criatividade dos conhecimentos expostos através da escrita.

Martins Ferreira sustenta que, no que tange à pesquisa e sua escrita, adentramos no gênero acadêmico-científico que surge a partir da necessidade de se divulgar o conhecimento produzido através do método científico. Logo, é imprescindível que a escrita acadêmica esteja sempre vinculada a uma finalidade específica, como trazer algum tipo de avanço para o meio científico: um novo objeto, um olhar criativo sobre um objeto já conhecido, uma metodologia inovadora, enfim, uma discussão que exija sua exposição (artigos, banners, dissertações, teses, etc). Ocorrendo dessa maneira, o resultado seria uma produção escrita criativa que promoveria o desenvolvimento da ciência e o aprimoramento do meio acadêmico.

A seção **Artigos**, de temática livre, é aberta com o texto *Temer e os memes: a norma culta na oralidade do presidente e as repercussões em comentários na internet*, cujos autores são Mariano Jeferson Teixeira (UEPG) e Valeska Gracioso Carlos (UEPG), que se volta para a linguagem rebuscada do ex-presidente Michel Temer com o objetivo de discutir como a internet, por meio dos chamados memes, tem favorecido as reações quanto ao cenário político brasileiro desse período de governo. Constata que a internet tem possibilitado à população participar, opinar e debater sobre temas diversos, incluindo a política, e os memes configuram uma ferramenta eficaz de reação e opinião nas redes sociais. O estudo aponta que o uso do registro formal do Presidente desencadeou muitas discussões sobre identidade e preconceito linguístico que revelam diferentes pontos de vista, permitindo perceber que os papéis sociais têm se configurado no uso da língua bem como no reconhecimento, valorização ou desprestígio das variedades.

A internet é também um elemento presente em *Práticas colaborativas de escrita via internet em formação continuada de professores: o papel do leitor-autor*, de autoria de Adriana Silvia Vieira (Unifesp) e Sandro Luis Silva (Unifesp), os quais analisam as práticas colaborativas de escrita com o uso da ferramenta digital *wiki*, realizadas por professores de Língua Portuguesa participantes de um curso on-line de formação continuada, o

que permite evidenciar o papel fundamental da leitura na constituição da autoria do texto coletivo.

A leitura é ainda abordada em *Dois exemplos de leituras escolares: a configuração de diferentes letramentos*, de Ludovico Omar Bernardi (UEM), em que se relata uma atividade de letramento literário, mais especificamente, um júri simulado da protagonista do romance *Natália*, publicado em 2010 pelo escritor português Helder Macedo. Realizada junto a turmas do curso de Direito de uma instituição de ensino superior privada brasileira, dentre outros objetivos, a atividade buscou romper com o modelo autônomo de letramento.

No artigo a seguir, *Literatura como tática: construções e desconstruções*, Vera Lúcia da Silva (Centro Territorial de Educação Profissional do Extremo Sul da Bahia) e Álamo Pimentel Gonçalves da Silva (UFSB) enfatizam a produção literária como tática tanto de desconstrução das representações sobre os povos indígenas como de construção de outras formas de afirmação identitária. Para isso, articulam a noção de *literatura menor*, de Delleuze e Guatarri, à noção de *tática*, presente nas artes de fazer de Michel de Certeau, e dialogando com produções literárias indígenas, sobretudo com a obra *Metade Cara, metade máscara*, de Eliana Potiguara. O artigo destaca a potência criadora de outras formas de fazer e dizer dos processos de construção da condição indígena no Brasil e aponta alternativas para a compreensão dos conflitos culturais que ainda permanecem no Brasil.

Na sequência, no estudo *Destruição e morte: fragmentos de um mosaico composicional em The Sandman, de Neil Gaiman*, Willian André (UNESPAR - Campo Mourão) e Cleverson de Lima (UNESPAR/UDEL) analisam dois episódios específicos da *graphic novel*, publicados respectivamente nos arcos intitulados *Brief lives* e *The Kindly Ones*, por considerarem que eles são de fundamental importância para o desfecho da narrativa. Estabelecendo um paralelo com o mosaico de referências que constitui a *graphic novel* estudada, a leitura proposta se desenvolve também na forma de um mosaico composicional, procurando destacar várias possibilidades de abordagem que se complementam na análise/compreensão da obra, tais como a condição híbrida visível no esboroamento das fronteiras entre narrativa literária e história em quadrinhos, as referências intertextuais e aspectos da caracterização da literatura pós-moderna.

No último artigo da seção, *João Vêncio: performances de um eu amoroso que se transfigura em outros eus*, Vinícius Lourenço Linhares (PUC Minas; IFMG-Congonhas) investiga como as interações estabelecidas pelos sujeitos textuais do/no romance *João Vêncio: os seus amores*, de Luandino Vieira, potencializam o desdobramento do eu/narrador amoroso que se enuncia no romance, transfigurando-se em outros “eus” nas relações estabelecidas com seus vários amores. Para tanto, mobiliza reflexões teóricas acerca da figura do narrador (Benjamin, Booth) fazendo aproximações com alguns pontos

da teoria da enunciação (Benveniste, Bakhtin). A linha argumentativa do artigo busca uma associação entre movimentos de narratividade e o processo enunciativo do romance em análise, evidenciando como a enunciação prevê, em sua realização, a construção do narrador, entendido como sujeito textual que se desdobra na cadeia enunciativa do romance.

Fechando o número, a seção **Resenha**, por meio de Bruno Mazolini de Barros (PUCRS), dá lugar ao romance português *Karen*, de Ana Teresa Pereira (Relógio D'Água Editores), que em 2017 ganhou o Oceanos – Prêmio de Literatura em Língua Portuguesa.

Boa leitura!

Djane Antonucci Correa – Editora do Dossiê

Pascoalina Bailon de Oliveira Saleh – Editora Geral